

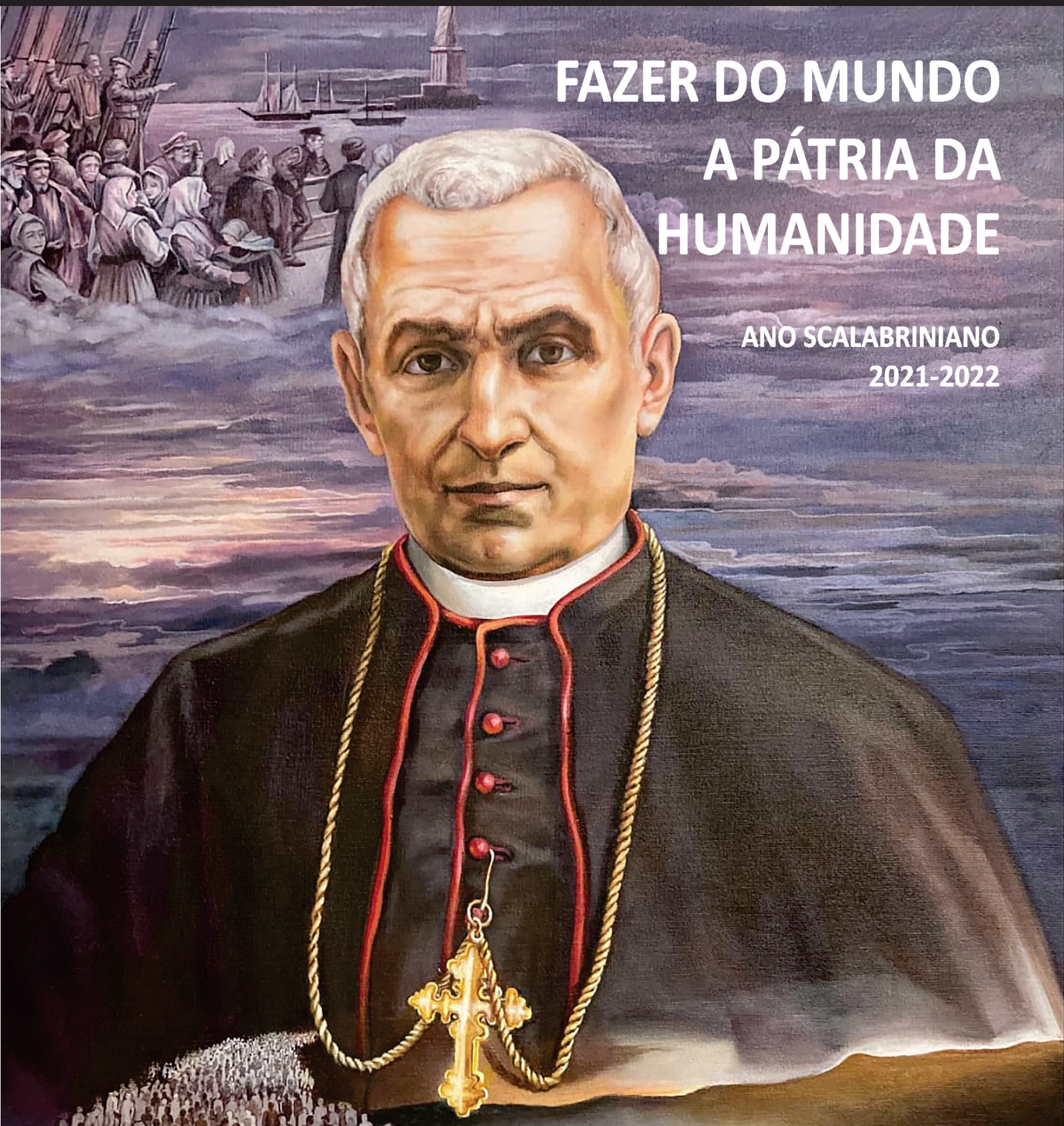


Publicação do SPM - Serviço Pastoral dos Migrantes - jul/22 a dez/22

Ano 34 - Boletim 128

FAZER DO MUNDO A PÁTRIA DA HUMANIDADE

ANO SCALABRINIANO
2021-2022



Sumário

Editorial - p. 02

FIQUE POR DENTRO - P. 03

- Por um mundo sem racismo
- Virus, Pandemia e Migração

SEÇÃO BÍBLIA - p. 05

- Essa animália chamada Terra

REFLEXÃO - p. 07

- O uso da força e o respeito
- Fronteira: Oportunidade e Oportunismos

BALANÇO do 28º GRITO DOS EXCLUÍDOS - p. 08

- A volta do povo às ruas e praças por todo Brasil

CULTURA E ARTE - p. 09

- Música Elza Soares

CONHECENDO SCALABRINI - p. 10

Scalabrini padre e bispo nos caminhos do povo, cidadão e fundador nas cátedras da vida, bem-aventurado e santo nos altares do mundo



Editorial

“Então é Natal e o que você fez, o ano termina e nasce outra vez” com esses versos consagrados na voz de nossa interprete Simone, é marcada uma temporalidade e uma nostalgia. É evidente que o SPM nem quer fazer nostalgia, mas acreditar que é momento de renovação e de reconstrução de pilares importantes de nossa caminhada enquanto Pastoral dos Migrantes e unida-das ações do conjunto da Igreja.

Chegamos ao final do ano em meio a muitas turbulências no mundo político, golpistas e discurso antidemocrático, embasando falas de liberdade e direitos, há de se dizer que essa retórica tem destino e nos remete a um passado sombrio e mortal, e não estamos falando da ditadura no Brasil, é de FACISMO encoberto com falsos moralismos, é NAZISMO encoberto com hipocrisias e religião de um Deus excludente. É o Deus do capital e principalmente do lucro fácil, da exploração dos seres huma-

nos, da desigualdade e carregado de sangue de inocentes, como em Lampedusa, Eldorado dos Carajás, das vítimas do Covid 19 e do prejuízo da saúde pública e da Educação.

Ainda não terminou o Ano e vivemos sob a égide das ameaças, entre vizinhos, entre políticos, entre facções oficiais e extraoficial, de milicianos, vivemos com medo de sermos felizes. Não é um novo governo que vai nos levar a segurança, a superação, a segurança alimentar e nutricional, a convivência com os biomas. O que está posto é que devemos reinventar a sociedade, o modo de produção, reinventar governos, reinventar os valores humanos, redemocratizar a democracia e interpretar as religiões como fonte de novos recomeços, sem manipulação, sem radicalismos baratos que só servem ao poder e que as religiões não devem ser instrumento de manipulação mas sim de libertação. Acreditar na alteridade, ela é força motriz para o amanhã, que nos impulsiona a lutar pelos biomas da Amazônia, do Cerrado, do Semiárido; compreendendo que está tudo interligado, como diz o Santo Padre na Laudato Si: é Sonhar um Sonho, que não se sonha só, mais em conjunto.

Devemos nos reorganizar para uma nova ordem mundial, de convivência amorosa, terna, respeitosa entre os povos e seres vivos da terra e com a terra. Belchior, já nos dizia, o “Novo sempre vem”, não precisa vir desalinhado, desrespeitoso, violento ou virulento, mas precisa vir com AMOR!

Coordenação Nacional do SPM

Publicação Semestral do SPM – Serviço Pastoral dos Migrantes

Rua Caiambé, 126 – Ipiranga.
CEP 04264-060 – São Paulo, SP.

Fone: (11) 2063-7064

E-mail: spm.nac@terra.com.br

secretaria.spm.nac@terra.com.br

Site: www.spmnacional.org.br

Boletim SPM Informa:

www.spminforma.blogspot.com

Facebook:

www.facebook.com/pastoraldosmigrantes

YouTube: youtube.com/spmnacional

Instagram:

www.instagram.com/pastoraldosmigrantes

Twitter: twitter.com/spmnacional

O SPM é um organismo ligado à Comissão 8 da CNBB. Tem como objetivo central articular e dinamizar a Pastoral dos Migrantes em âmbito nacional.

Assinaturas:

Normal: R\$ 20,00

Apoio: R\$ 50,00

Exterior: US\$ 30,00

O pagamento pode ser feito através de cheque ao Serviço Pastoral dos Migrantes ou depositar na Conta Corrente 42777 da Agência 0644 do Banco Itaú, ou por vale postal à agência Ipiranga/SP

Conselho Editorial:

Alfredo, Ana Valim, Ana Carolina G. Leite, Ari José Alberti, Daniel Gorte-Dalmore, Espedita Macena de Andrade, Jairo Moura Costa, José Carlos Pereira, José Roberval Freire, Juliana M. Medeiros, Maria de Lourdes Bernart, Mario Geremia, Ozânia, Roberto Saraiva, Tayna Silva, Teresa Paris Holanda.

Imagem da Capa:

Francesco Santoro

Projeto Gráfico:

Fabricando Ideias Design Editorial

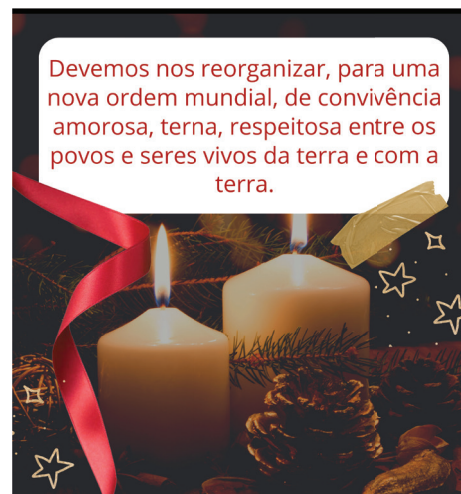
Diagramação

Renata Lima

Impressão:

A. N. Gráfica – 3975 9262

Tiragem: 1.000 exemplares



Por um mundo sem racismo

Ana Carolina G. Leite

Um balanço das migrações nesses 200 anos de Brasil independente tem a sua síntese trágica nos brutais assassinatos dos migrantes Moïse Kabagambe e Marcelo Antonio Larez Gonzalez que abriram 2022, cometidos nos meses de janeiro e fevereiro, respectivamente. Marcelo, venezuelano de 21 anos, foi baleado à queima roupa pelo locatário da casa em que residia com quatro filhos, esposa, mãe e irmão – e para quem devia R\$ 100 correspondentes a um quinto aluguel, atrasado. Deixaram seu país no contexto da crise venezuelana, provavelmente fugindo da enorme deterioração das condições de sobrevivência, como muitos conterrâneos, para encontrarem no Brasil dificuldades semelhantes, no acesso à segurança alimentar, à moradia adequada, ao trabalho e até ao direito à vida. Moïse viveu no Brasil quase a metade dos seus 24 anos, depois ter fugido de violentos conflitos armados que massacram civis na República Democrática do Congo com sua mãe e irmãos. Foi morto a pauladas e possivelmente amarrado num quiosque em que trabalhava como garçom após exigir dois dias de pagamento atrasado. Com diferenças significativas, posto que Moïse era um homem negro retinto emigrado da África e que o latino-americano Marcelo podia ser encarado semelhantemente aos que a sociedade brasileira toma por pardos, pensar a violência sofrida por ambos nos exige considerar sua posição racializada numa sociedade racista.

Esses assassinatos revelam traços de uma experiência migrante no país cujo caráter francamente aproximado a aspectos da nossa formação colonial a proclamada independência nunca foi capaz de superar. Ao contrário. Enquanto o principal fundamento da reprodução na colônia fora o tráfico de pessoas violentamente sequestradas em África – uma espécie forçada e, portanto, muito particular de deslocamento, para que possamos falar em migração – no Brasil independente, após a conclusão tardia do escravismo, as primeiras políticas migratórias surgidas tiveram justamente o racismo como seu principal norte. Quando elas se estruturam mais sistematicamente já durante a República Velha, têm como intenção proporcionar uma oferta de trabalhadores brancos e europeus para substituir os braços dos antigos escravizados, claro que só após esses últimos terem sido ainda outra vez subjugados, apesar da condição de libertos, inclusive a trabalhar de graça para indenizar ex-proprietários, enquanto políticos e intelectuais relacionavam problemas nacionais e um suposto fim abrupto da escravidão. O caráter eugênico do processo modulava não somente a arri-

mentação de determinados grupos, mas também o rechaço de outros como os intensos debates racistas que tentavam impedir a migração chinesa deixam transparecer.

De outra maneira, o racismo também vai participar amplamente da reorganização das migrações no país pela mobilidade interna mediante a qual passam a ser geridos contingentes populacionais regionais considerados excedentes, ante os processos de urbanização e industrialização concentrados no Centro-Sul, onde o Brasil se metropolizava primeiro. Nesse processo, no interior da antiga e mais grosseira regionalização entre Norte e Sul, o surgimento de Nordeste e Sudeste relacionam-se respectivamente com a consolidação do mito da democracia racial e do preconceito racista contra nordestinos, que se prolonga também para os mineiros ou migrantes de outras partes do país, todos que não seriam paulistas.

Mais recentemente, com as migrações marcadas por um contexto mundial em que migrantes já não são bem-vindos em parte alguma porque, ao contrário de antes, os trabalhadores aparecem agora como sobrantes, um ônus para os Estados que devem protegê-los, a violência do racismo que organizou toda essa história mostra definitivamente os dentes. Não apenas os migrantes negros fogem de conflitos geopolíticos que tem raízes em bárbaros processos de colonização, como tem mais dificuldade para acessar o direito ao refúgio sendo mantidos como permanentes solicitantes desse estatuto, numa cadeia de vulnerabilização que inclui seu acesso a trabalho e a direitos sociais – e, em última instância, experimentam uma tal descartabilidade que não raro pode levá-los à morte.

Isso não significa, entretanto, que falte algo para que a independência do Brasil se complete definitivamente. Ao contrário, revela que aqueles traços coloniais seguem organizando a reprodução capitalista com base na qual o Brasil se consolidou como Estado independente, pois são relações estruturais do próprio capitalismo, e que, perante a crise desse último elas tendem a se acirrar ainda mais ameaçando frontalmente a natureza e a vida. Assim, sob a pena do genocídio seletivo que já vivemos, trata-se de emancipar-se dessas mesmas relações estruturais, por um mundo sem racismo, nossa única possibilidade para um mundo de fato sem fronteiras.

**POR UM
MUNDO
SEM
RACISMO**



Vírus, Pandemia e Migração

Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs

A fúria avassaladora do novo coronavírus teve impactos sem precedentes no Brasil e em todos os países do subcontinente latino-americano e caribenho. Impactos esses que, no contexto da mobilidade humana, repercutiram de forma bem singular. Estudo amplo, realizado durante a pandemia da Covid-19, com diferentes países da América Latina e do Caribe cunhou a expressão *imobilidade forçada* para ilustrar o que se passa de forma especial nas zonas fronteiriças da região.

Três fatores ligados ao flagelo pandêmico contribuíram de forma para tal imobilização dos migrantes e dos refugiados, coisa que ocorre não só nas Américas, mas também em boa parte do planeta: primeiramente, a ascensão de governos de extrema-direita nos Estados Unidos e em diversos outros países, com destaque para o Brasil; depois, tornou-se praticamente impossível a migração regular e documentada – por terra, ar e mar; por último, em não poucos lugares, os serviços de entrada e saída de cidadãos dos seus países foram temporariamente fechados. O pretexto era a famigerada “ideologia da segurança nacional”.

Semelhante cenário elevou a pressão dos migrantes sobre as fronteiras territoriais, como entre Panamá, Caribe e América Central; Guatemala e México, México e EUA; confins entre Chile, Peru e Bolívia; entre Venezuela com Brasil e Colômbia; tríplice fronteira de Argentina, Paraguai e Brasil; Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, e Corumbá, no Brasil; Leticia e Tabatinga, entre Colômbia e Brasil – além de cidades como Manaus e Boa Vista, no Brasil e Cúcuta, na Colômbia, mas também as capitais dos países vizinhos.

O resultado dos três fatores apresentados foi o que outros estudiosos chamam de *engessamento da fronteira*. Ou seja, inúmeros migrantes e/ou refugiados se viram improvisamente encurralados nas zonas fronteiriças. O fato se repete seja nas rotas que ligam a África e o Oriente Médio à Europa, seja nas rotas que sobem da América Latina e Caribe em direção aos Estados Unidos, ou ainda no Sri Lanka ou na Ilha de Batan, para as migrações asiáticas.

Na rota balcânica, os migrantes estão encurralados na Grécia ou Turquia; na rota mediterrânea, eles foram detidos no norte da Líbia e no sul da Itália. Isso sem esquecer as migrantes e refugiados



vítimas dos conflitos na Nigéria, no Sudão do Sul, em Mianmar, no Afeganistão e agora na Ucrânia. Merecem ser mencionados lugares como Bangladesh e África do Sul. Do lado de cá, as caravanas e fluxos migratórios se detêm nas florestas do Panamá, na linha divisória entre Guatemala e México e entre este e os EUA, nas cidades fronteiriças de Pacaraima ou de Cúcuta, no Brasil e Colômbia; ou em locais como Arica e Tacna, entre Peru e Chile.

A imobilidade forçada ou engessamento das fronteiras, com os migrantes impedidos de avançar e de voltar atrás, conduz ao surgimento de numerosos campos de refugiado, em situações de extrema precariedade. O Alto Comissariado da ONU para Refugiados, ACNUR, estima o número deles hoje em 80 milhões. Os dados falam por si: cerca de 6 milhões de sírios, ao redor de 5 milhões de ucranianos e venezuelanos, por volta de 3,5 milhões de sudaneses do sul, mais de um milhão de Mianmar e outro do Afeganistão, sem falar dos brasileiros, mexicanos, haitianos, centro-americanos, asiáticos, etc. de olho nos EUA, ou dos habitantes do altiplano que miram São Paulo, Buenos Aires, Santiago, Lima, Bogotá e outras metrópoles sul-americanas.

Na origem desses deslocamentos em massa estão guerras, violência de ordem política, religiosa ou ideológica; pobreza, miséria, fome e falta de oportunidades. A pandemia, por sua vez, escancarou e agravou a situação dos mais vulneráveis. A esperança é que os migrantes nunca são apenas vítimas. São igualmente profetas e protagonistas de um amanhã recriado. O simples fato de migrar denuncia a injustiça e desigualdade nos países de origem, e anuncia a necessidades de mudanças nas relações internacionais. Quem se move grita e provoca mudanças!

Essa animália chamada Terra

Roberto Malvezzi (Gogó)

Papa Francisco criou a expressão Casa Comum para falar do nosso planeta Terra. Sim, Terra com T maiúsculo, nome próprio, o lugar onde existimos, mas que não é só dos humanos, mas também de todos os seres vivos conectados nessa teia de relações que compõem essa animália chamada Terra, assim conectados à totalidade do Universo.

A Terra é nossa Casa Comum ou nosso presídio comum? Quando Hannah Arendt viu sair o primeiro ser vivo para a órbita da Terra em 1957, a cachorra Laika, ela vaticinou: a humanidade não ficará confinada na Terra.

Hoje, olhando o avanço da humanidade sobre a órbita da Terra, sobre a Lua, sobre outros planetas do sistema solar, como Marte, de fato podemos nos perguntar se a humanidade ficará confinada na Terra ou se um dia, por mais distante que seja, fazemos parte também de uma civilização universal. A busca pela vida, inclusive a vida inteligente, fora da Terra, continua e avança cada vez mais, tornando possível esse sonho da humanidade. Não é um desperdício de dinheiro e recursos, é a busca por um sentido mais vasto para as gerações futuras.

Entretanto, enquanto não atingirmos outros níveis cosmológicos de civilização, continuamos em nossa Casa Comum. Melhor que um presídio comum, até porque, por tudo que se conhece até agora, é o único lugar do sistema solar onde a vida pulsa espontaneamente, sem necessitar de artificialidades para sobreviver. E a vida é poderosa, resistiu a cinco extinções e vai resistir à extinção do Antropoceno (capitalismoceno, para alguns), porque a vida sempre foi mais poderosa que a morte, embora tantos morram para que outros possam sobreviver. Um lugar cheio de vida e beleza é um paraíso, não um presídio.

Os estudiosos dos textos bíblicos nos dizem que os 11 primeiros capítulos da Bíblia falam da universalidade de Deus. Até ali não há uma pessoa escolhida, um povo escolhido, uma aliança particular com pessoas ou com um povo. É só no 12 capítulo que surge a vocação específica de Abraão. Antes, o que há é uma Aliança Universal de Deus com todas as suas criaturas.

Esse fundamento bíblico jamais deveria ser ignorado por todos os teólogos e por qualquer magistério. Nada faz sentido fora dessa Aliança Universal, nem mesmo a vocação de Abraão ou a escolha do povo eleito de Israel. Vale a pena ler e meditar sobre cada palavra da Aliança Universal que Deus faz com Noé e com todos que saíram da Arca:

Deus disse a Noé e a seus filhos: 9 “De minha parte, vou estabelecer minha aliança convosco e com vossa descendência, 10 com todos os seres vivos que estão convosco, aves, animais domésticos e selvagens, enfim, com todos os animais da terra que convosco saíram da arca. 11 Estabeleço convosco a minha aliança: não acontecerá novamente que toda a carne seja exterminada pelas águas de um dilúvio. Não haverá mais dilúvio para devastar a terra”. 12 E Deus disse: “Eis o sinal da aliança que estabeleço entre mim e vós e todos os seres vivos que estão convosco, por todas as gerações futuras. 13 Ponho meu arco nas nuvens, como sinal de aliança entre mim e a terra. 14 Quando eu cobrir de nuvens a terra, aparecerá o arco-íris nas nuvens. 15 Então me lembrarei de minha aliança convosco e com todas as espécies de seres vivos, e as águas não se tornarão mais um dilúvio para destruir toda carne. 16 Quando o arco-íris estiver nas nuvens, eu o contemplarei como recordação da aliança eterna entre Deus e todas as espécies de seres vivos sobre a terra”. 17 Deus disse a Noé: “Este é o sinal da aliança que estabeleço entre mim e toda a carne sobre a terra” (Gênesis 9,8-17).

Essa paixão do Criador por todas as suas criaturas é definitiva e eterna. Ela feita em forma de uma Aliança. Ninguém, nada está excluído. A iniciativa, como sempre, é do próprio Criador. Porém, ele não despreza nenhuma de suas criaturas, inclusive os animais domésticos e selvagens. Melhor, essa Aliança se inicia ali com Noé e as criaturas da Arca, mas se estende por todas as gerações futuras. E é também uma Aliança com a Terra. O Criador parece um ambientalista do século XXI falando das relações intergeracionais. Portanto, essa palavra, essa Aliança, também nos pertence e nós pertencemos a ela.

Quando um dia chegarmos ao paraíso, que é nossa Casa Comum renovada, não nos espantemos se dermos de cara com os dinossauros, os tigres-dente-de-sabre, os cachorros, os leões, as onças, as cobras e toda forma de biodiversidade animal e vegetal. A Terra é o paraíso, não um deserto. E essa presença de toda criação é uma garantia de próprio Deus. Nos Evangelhos, tanto João como Paulo vão retomar essa Aliança. “A criação geme em dores de parto também ela aguardando a redenção dos filhos de Deus” (Romanos 8, 22-24). A última palavra sobre nossa Casa Comum não será dos predadores, nem dos privatizadores. A Casa Comum depredada e privatizada será restituída a todos que fazem parte do banquete eterno da vida, ou seja, “os pobres possuirão a Terra” (Salmo 37,11).



O uso da força e o respeito

Jairo Moura Costa

Qual o significado da palavra respeito? É muito difícil encontrar uma resposta concreta e unânime nos dias atuais. Estamos vivenciando muitos conflitos, o que nos leva a uma reflexão de que na maioria destes confrontos o respeito deixa de existir. Uma parte significativa das pessoas no mundo faz uso das mídias sociais para impor suas ideias, como se elas fossem a mais pura e cristalina verdade, não observando ou desrespeitando a opinião dos outros. Assim, aliado a seus conceitos que julgam ser corretos, acompanham seus comentários alguns adjetivos, nada saudáveis de seus pseudos adversários. A partir daí o adversário do momento se torna um inimigo e seu extermínio deve ser feito. Este fato, não é um fato isolado só na política. Ele está presente no nosso convívio familiar e social, nos diversos ambientes como de trabalho, igreja, grupos de aposentados, associações e clubes sociais.

O respeito é um componente indispensável da ética e da democracia. Em alguns casos, o desrespeito acontece porque nos falta limite, e quando ultrapassamos a linha do nosso espaço, costumamos invocar a liberdade de expressão para justificar o ato selvagem e covarde do desrespeito. Ofensas a pessoas, instituições, entidades, partidos políticos e seus membros. Ataques a figuras que estão à frente de entidades, e estes ataques às vezes feitos por pessoas do mesmo grupo do destinatário do ataque. Não há limite para a covardia de quem desrespeita qualquer regra estabelecida de civilidade. Falta-lhes o humanismo.

O uso da força desproporcional do mais forte contra o mais fraco dá ao mais forte a falsa sensação do poder da sua força. Assim, imaginando ser superior, ele se lança de forma arrasadora tentando coagir ao mais fraco, a fim de submetê-lo a seus interesses.

É como um trator que se lança sobre um monte de terra espalhando-a com sua pá e passando suas rodas sobre ela, esmagando-a. Os regimes autoritários, os ditadores, os colonizadores assim se comportam. Falta-lhes sensibilidade e respeito pela vida dos seres

humanos. As vidas humanas são apenas números de uma estatística da qual eles não querem ver e nem entender.

Alguns livros bíblicos do Primeiro Testamento, nos narram conquistas históricas e superações em batalhas em que a fé em Javé levava um povo a conquistas que humanamente pareciam impossíveis. A fé do povo superando dificuldades e impondo aos poderosos derrotas aparentemente impossíveis. Séculos depois assistimos fatos semelhantes, porém, em dias atuais, com o apoio da tecnologia, assistimos de forma on-line os horrores de guerras que são um verdadeiro desrespeito, e por que não dizer um desrespeito ao direito sagrado da vida?

As motivações para este desrespeito são várias, mas a principal está no termo economia, podemos também dizer comércio, lucro, dividendos, commodities, tudo hoje precisa ser controlado. Não só as riquezas do subsolo, mas também a água de nossos rios córregos e lagoas, as barragens para armazenamento de água para a produção de energia, que no Brasil, estão em sua maioria nas mãos de empresas estrangeiras. O petróleo não é nosso – se é que algum dia foi – é do mundo dos negócios ou das negociatas.

Mas nem tudo está perdido, existem saídas, elas obrigatoriamente passam pelo diálogo, as partes envolvidas precisam conversar. No diálogo, não deve haver pontos inegociáveis do qual não se abre mão, por mais convicto que se esteja em qualquer dos lados da negociação, havendo pontos inegociáveis perde-se o encanto com a conversa que deve ser franca, aberta. Todas as possibilidades precisam ser postas à mesa para que todas passem a ser possíveis. A vaidade pessoal precisa dar lugar ao fazer de forma coletiva, participativa, de forma que as partes interessadas possam no mínimo sugerir soluções e lhes seja dada a oportunidade de questionar, cobrar e se sentir contemplada ao final quando as soluções forem implementadas.



Fronteira: Oportunidade e Oportunismo

Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs



A ascensão de governos de extrema-direita em uma série de nações do planeta, o endurecimento da legislação migratória por parte dos mesmos, as mudanças climáticas sempre mais rigorosas, o desemprego-pobreza-miséria-fome e a pandemia da Covid-19, entre outros fatores, concorrem para concentrar milhões de migrantes nos chamados “complexos fronteiriços”. Esses territórios nevrálgicos, em que se encontram dois ou mais países, tornam-se pontos de convergência para aqueles que se viram impossibilitados de migrar de forma legalizada, com passaporte e ou visto, através do aeroporto, etc. A proporção é inevitável: quanto mais exigente a migração legalmente autorizada, maior a concentração nessas áreas geográficas.

Tais “complexos fronteiriços”, de per si, costumam ser lugares permeados por uma considerável ambiguidade: terra de ninguém, porém, ao mesmo tempo, terra de todos. Ali se encontram, se misturam, se confundem e se fundem línguas, bandeiras, costumes, como também diferentes expressões culturais/religiosas. Os confins que limitam Estados Unidos e México, a Venezuela com a Colômbia ou com o Brasil, o Haiti e a República Dominicana, o Peru, Chile e Bolívia, Bangladesh e Mianmar; mas também as rotas que unem/separam África, Oriente Médio, Ásia e Europa, ou aquelas no interior mesmo desses continentes, como por

exemplo, o Mediterrâneo e os Balcãs – constituem zonas de grande afluência de gente em fuga, seja enquanto refugiado ou migrante por razões socioeconômicas. É o que se verifica em localidades são distintas quanto Líbia, Turquia, Panamá, Guatemala norte da Indonésia, e assim por diante.

Mas o ponto a ser destacado aqui é o enorme potencial de possibilidades que se abrem nessas encruzilhadas. Se é verdade que os caminhos se fecharam para a grande maioria que passa pela fronteira territorial/geográfica, também é certo que aí se descortinam muitas veredas, diversas e inesperadas. Um bom exemplo disso verifica-se na obra fictícia – mas não menos real – de John Steinbeck, *As vinhas da ira*, onde os migrantes ao se cruzarem junto aos pontos de parada, no decorrer da viagem entre Oklahoma e a Califórnia (USA), vão acumulando informações que lhes haverão de ajudar na busca por pão, casa e trabalho. Certo, não raro a fronteira é formada por desertos, mares e florestas, mas nela se entrelaçam experiências múltiplas e plurais, que terminam por fecundar novos saberes. O caminho e o intercâmbio se convertem em escola.

Essa última, entretanto, também tem sua carga de risco e de ambiguidade. Tanto pode ser uma descoberta de novas oportunidades, quanto um atalho para oportunismos. Em uma palavra, no terreno movediço, minado e escorregadio dos “complexos fronteiriços” proliferam, ao mesmo tempo, ervas daninhas e plantas viçosas. O bem e o mal caminham de mãos dadas, muitas vezes travestidos e irreconhecíveis. O joio e o trigo crescem juntos, como nos lembra a parábola do Evangelho (Mt 13, 24-30). Ao mesmo tempo que os encontros, conversas e troca de ideias entre os migrantes, na estrada, podem pavimentar um futuro mais promissor, podem igualmente tropeçar com os “gatos” que vivem do tráfico e da exploração dessa população desenraizada e extremamente vulnerável. Os oportunistas estão sempre à espreita, atrás de cada curva, para extrair do incauto migrante cada centavo de dólar, abandonando-o depois ao próprio destino. Quantos já perderam a vida nas águas bravias dos mares, nas areias escaldantes do deserto ou nos desvios que não passam de armadilhas!

Se de um lado o oportunismo se mantém vivo e astuto – “os filhos do mundo são mais espertos que os filhos da luz” (Lc 16,8) – de outro lado a verdadeira “escola solidária” do caminho e da fronteira aponta o rumo de oportunidades antes ocultas. Para isso contribuem poderosamente as redes de parentesco ou de amizade, bem como o progressivo conhecimento de pessoas, lugares e relações que vão se somando e se multiplicando. Caminhar com os pés no chão e os olhos fixos no horizonte torna-se para o migrante um novo saber. Instrumento indispensável para vencer os perigos de um vaivém que pode se estender por semanas, meses ou até anos.

Balanço do 28º Grito dos Excluídos

A volta do povo às ruas e praças por todo Brasil

Salvador de Caculé

“Vida em primeiro lugar Brasil 200 anos Independência para quem?”

As manifestações aconteceram nos 26 Estados do Brasil, em 24 capitais - exceto Palmas/TO e Campo Grande/MS - e em centenas de cidades e comunidades. Para cantar e denunciar, como diz o hino do 28º Grito, que passados 200 anos do grito do imperador, nada mudou, e muita coisa até piorou:

“O pobre sempre mais pobre O rico sempre mais rico Fome, violência e desemprego São alguns dos nossos gritos”

Após dois anos de pandemia, em que o Grito ocupou as janelinhas da internet para continuar ecoando em todos os cantos do país, neste ano, em que se comemora o bicentenário da independência, milhares de pessoas saíram nas ruas e praças para questionar: independência para quem?

Na semana da pátria e no 7 de Setembro, o Grito dos Excluídos e Excluídas se fez ouvir, de forma descentralizada, em atividades das mais variadas formas, nas capitais, nas cidades, nos bairros da periferia, nas ocupações, nas comunidades, nas igrejas, nas ruas. Gritos de denúncia: dos povos indígenas, das mulheres, da população LGBTQIA+, dos negros, dos jovens, dos irmãos e irmãs de terreiros, dos pobres, das pessoas em situação de rua, dos trabalhadores e trabalhadoras. Gritos individuais e coletivos que se juntam para anunciar que a vida deve estar sempre em primeiro lugar.

Assim, o Grito se fez ouvir em caminhadas, celebrações de missas e ecumênicas, atos, rodas de conversa, apresentações culturais, saraus, debates, seminários, concursos em escolas, oficinas de confecção de flores e cartazes, com a participação de crianças, cirandas, café nas praças, almoços solidários, feira livre solidária, fila do Povo, fórum de escuta, coletivas de imprensa, participação em programas de rádio e TV, lives, panfletagem, roda de samba, aulas públicas, encontros de formação...

“Dignidade e vida Marginalizados incluídos Nossa força e esperança crescem Quando estamos e lutamos unidos”



Debaixo de chuva em alguns locais, ou de sol escaldante em outros, pessoas ligadas ou não a movimentos populares, pastorais sociais, partidos políticos, igrejas, aldeias indígenas, territórios quilombolas, moradores em situação de rua, LGBTQIA+ ocuparam as ruas de todo o país.

Indiferentes à intimidação e ameaças de golpe por parte do desgoverno federal, “em final de mandato” e seus seguidores, os participantes gritaram contra a situação de morte em que vivem, sobretudo a população pobre, e contra a destruição da natureza, com o desmatamento, incentivo às mineradoras e agronegócio.

Gritaram também contra o desmonte dos direitos e das políticas públicas, das instituições e da Democracia.

“Nenhuma família sem casa, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhum ser humano sem dignidade” (Papa Francisco).

“Se a gente contribuir com essas lutas importantes, a gente vai ser ouvido. É a nossa juventude que está passando fome, que está nas esquinas, entrando para o tráfico para poder comer. É importante a participação da juventude para que a gente possa falar sobre os nossos direitos.” (Victor Lisboa, do Levante Popular da Juventude, Porto Alegre/RS)

“A vida é um dom de Deus, que sempre deve ser preservada, respeitada e tratada, com dignidade, é frustrante ver como as pessoas ficam cada vez mais violentas, seja na internet, nas ruas e em todos os lugares, é triste ver as atitudes de ódio, intolerância, discriminação, preconceito e repressão...” (Amanda Cristina dos Santos Valiense, 8º ano, aluna do professor Gerson Mota – EMEFE Maria Anilha do Nascimento Santos – Tucumã/PA).

A carne – Interpretação Elza Soares

Autoria: Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette

A carne mais barata do mercado é a carne negra

(Tá ligado que não é fácil, né, mano?)

(Né, mano? Vixe!)

(Se liga aí!)

A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra

(Só serve o não preto)

Que vai de graça pro presídio

E para debaixo do plástico

Que vai de graça pro subemprego

E pros hospitais psiquiátricos

A carne mais barata do mercado é a carne negra (diz aí!)

A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que fez e faz história

Segurando esse país no braço, mermão

O cabra aqui não se sente revoltado

Porque o revólver já está engatilhado

E o vingador é lento

Mas muito bem intencionado

E esse país vai deixando todo mundo preto

E o cabelo esticado

Mas, mesmo assim

Ainda guardo o direito de algum antepassado da cor

Brigar sutilmente por respeito

Brigar bravamente por respeito

Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)

De algum antepassado da cor

Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar

(Se liga aí!)

A carne mais barata do mercado é a carne negra

(Na cara dura, só serve o não preto)

A carne mais barata do mercado é a carne negra

A carne mais barata do mercado é a carne negra

(Na cara dura, só serve o não preto)

A carne mais barata do mercado é a carne negra

O que se cala – Elza Soares

Composição: Douglas Germano

Mil nações moldaram minha cara

Minha voz uso pra dizer o que se cala

O meu país é meu lugar de fala

Mil nações moldaram minha cara

Minha voz uso pra dizer o que se cala

Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala

O meu país é meu lugar de fala

Mil nações moldaram minha cara

Minha voz uso pra dizer o que se cala

Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala

O meu país é meu lugar de fala

Pra que separar?

Pra que desunir?

Pra que só gritar?

Por que nunca ouvir?

Pra que enganar?

Pra que reprimir?

Por que humilhar e tanto mentir?

Pra que negar que ódio é o que te abala?

O meu país é meu lugar de fala

O meu país

Mil nações moldaram minha cara

Minha voz uso pra dizer o que se cala

Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala

O meu país é meu lugar de fala

Pra que explorar?

Pra que destruir?

Por que obrigar?

Por que coagir?

Pra que abusar?

Pra que iludir?

E violentar, pra nos oprimir?

Pra que sujar o chão da própria sala?

Nosso país, nosso lugar de fala

O meu país é meu lugar de fala

Nosso país, nosso lugar de fala

Nosso país, nosso lugar de fala



A 35ª Romaria das trabalhadoras e trabalhadores, aconteceu em 07 de setembro de 2022, em Aparecida, junto do Grito d@s Exclud@s. O lema é: “Mãe Negra Aparecida, rezamos e lutamos em defesa da vida”.

Conhecendo Scalabrini

Scalabrini, padre e bispo nos caminhos do povo, cidadão e fundador nas cátedras da vida, bem-aventurado e santo nos altares do mundo

Pe. Mário Geremia, CS. Missionário Scalabriniano

1-SCALABRINI PADRE E BISPO NOS CAMINHOS DO POVO.

(Santo do caminho no cotidiano)

Estamos vivendo um tempo de graça do Deus da vida e da misericórdia para com a família Scalabriniana, momento de gratidão para com nosso fundador e santo nos caminhos dos pobres e do povo migrante, presente nos altares das Igrejas e atuante nas cátedras do mundo. Tempo de intercessão à São João Batista Scalabrini junto a Deus, Apóstolo do catecismo e Pai dos Migrantes, modelo de santidade e humanidade, respondeu com firmeza e inteligência, com amor e misericórdia aos desafios existenciais.

Ao encontrar-se com **famílias desempregadas e desesperadas** nas estradas e comunidades de sua diocese ouviu a triste afirmação: “Senhor bispo, ou migrar ou roubar”. Neste momento o bispo emocionado e cheio de compaixão, depois de um abraço, se retira sem dizer nenhuma palavra porque sabia escutar os sentimentos e entender o drama das pessoas vítimas de situações injustas, mas também, protagonistas da sua própria história deviam seguir caminho para defender seus direitos e salvar suas vidas e dignidade.

Nos encontros com os **surdos-mudos** nas famílias da sua diocese, sensibilizou-se e foi ao encontro desta triste situação. Sem hesitar e sem perder tempo, toma a decisão de ajudar este grupo com necessidades especiais criando uma casa de acolhida e assistência.

Na praça da catedral e pelas ruas de cidade e diocese de Piacenza se depara com **pessoas em situação de rua** empobrecidos e famintos. Nestas ocasiões e situações, também não titubeou em tomar a decisão de vender tudo o que tinha de valor (anel, cálice, patena, cavalos, carroça... (transporte da época), junto com doações e os poucos recursos que dispunha transformou tudo em alimentação e abrigo para esta pobre gente. Teve momentos que distribuiu aproximadamente três mil pratos de comida por dia.

Nas ocasiões de encontro nos campos, com **desempregados e trabalhadores temporários** do carvão e do arroz, Scalabrini sempre sensível e solidário, atento às necessidades das famílias, buscou rapidamente dar respostas concretas criando cooperativas e associações, bem como fez mediação entre os bancos e os trabalhadores para dialogar sobre como renegociar as altas taxas, juros e multas dos trabalhadores sazonais. Tudo isso, para que os dependentes nas famílias pudessem ter o necessário e viver com dignidade.

Nas visitas às famílias e hospitais com os **enfermos, idosos e inválidos**, sempre teve uma atitude de carinho, cuidado e de muita sensibilidade para com os mais frágeis e vulneráveis da sociedade. Ao saber da situação dos estudantes sem recursos para estudar, fez empréstimos a longo prazo sem juros para muitos jovens.

Diante dos desastres da natureza organizou campanhas de solidariedade **às vítimas, migrantes ambientais** e para reconstruir povoados e cidades destruídas. Alguém próximo a Scalabrini um dia perguntou: Excelência, se continuar vivendo assim, o Senhor não tem medo de morrer na palha, pobre e sem nada? Scalabrini respondeu: Não seria nenhum privilégio sabendo que o Salvador do mundo nasceu numa manjedoura de palha.

Podemos afirmar que o lugar teológico para Scalabrini sempre foi o pobre e o migrante nos quais encontrava, via e sentia o próprio Cristo presente e vivo nas situações e circunstâncias existenciais do cotidiano da vida.

2-SCALABRINI CIDADÃO E FUNDADOR NAS CÁTEDRAS DA VIDA

(Santo da presença em comunhão)

Sua maior cátedra, sempre foi a vida e a defesa dos direitos humanos dos pobres, vulneráveis e migrantes, por isso tinha sempre um ouvido atento à realidade e outro em Deus. Sabia ler a realidade e interpretar os sinais dos tempos com a sabedoria da razão e a inteligência da fé.

Ao visitar a **Estação de Milão e o Porto de Gênova**, sentiu vergonha de ser cidadão italiano pela situação deplorável dos que eram obrigados a deixar a pátria, amontoados, desprotegidos, pobres e abandonados pelo Estado, explorados pelos “mercadores de carne humana” apenas com poucos pertences em malas e sacos surrados, mas com muita esperança e sonhos no coração no presente e futuro de dignidade. Nestes encontros existenciais, sentia fortes emoções e sentimentos misturados entre vergonha e compaixão e no silêncio embargado na garganta, ecoava uma pergunta fundamental: O que devo e posso fazer?

Ao receber uma **carta de um migrante** italiano no Brasil que suplicava “Senhor bispo, envia-nos um sacerdote porque aqui se nasce, se vive e se morre como os animais”. Também neste momento, sem fazer ruídos foi gestando decisões importantes nesta direção através da fundação de duas congregações: Os Missionários e Missionárias de São Carlos para defender e acompanhar a multidão de emigrados da Itália para o mundo.

Em suas visitas pastorais comprometeu as **comunidades, paróquias e Igrejas** locais com seus bispos e junto com as autoridades civis e seus missionários para o cuidado, a corresponsabilidade e o acompanhamento dos emigrantes nos três momentos da migração: origem, trânsito e destino. Neste sentido criou consciência com palestras e estudos no sentido de dar a conhe-

cer o fenômeno das migrações forçadas e comprometer governos, autoridades civis e religiosas para a necessidade de construir legislações migratórias para a proteção e o cuidado dos migrantes. Ao mesmo tempo, por onde passava, foi uma presença de incidência **política, social e eclesial** para uma acolhida digna e para que houvesse legislações migratórias e políticas sociais de inclusão e integração dos povos e para os migrantes.

Nas **visitas aos diferentes papas** do seu episcopado do seu tempo propôs a criação de uma estrutura na igreja universal para o acompanhamento e atendimento dos migrantes. O fez enviando uma proposta de um “Memorandum” ao Papa Pio X que a considerou importante e que posteriormente, seus sucessores concretizaram oficializando uma estrutura eclesial universal e elaboraram documentos orientativos ao tema das migrações e à pastoral da mobilidade humana para toda a Igreja, presente atualizados hoje na Igreja com o Papa Francisco através do Dicastério do Desenvolvimento Humano Integral – Seção Migrantes e Refugiados.

Nas diferentes palestras e encontros com autoridades, presidentes, governos em **parlamentos e universidades** propondo aos acadêmicos e aos políticos do seu tempo leis de migrações com a prioridade na defesa dos direitos humanos dos migrantes e em políticas de integração para uma cidadania universal e plena para todos os que residem num país. Hoje os Scalabrinianos continuam sendo esta presença de incidência no mundo acadêmico, das comunicações e na ONU. (Organização das Nações Unidas) Fazem um trabalho em parceria com vários Organismo Internacionais e Eclesiais, Congregações Religiosas e Institutos de Formação através de Memorandos de Entendimento. Scalabrini sempre atuou de forma integral e integradora através do diálogo permanente entre governos, igreja e os destinatários de missão, ao mesmo tempo sempre usou uma metodologia de diálogo comunitário e coletivo na busca de respostas e soluções concretas. Nesta direção se revela a identidade Scalabriniana no mundo das migrações. Isto significa fidelidade criativa do carisma.

3-SCALABRINI BEM-AVENTURADO E SANTO NOS ALTARES DO MUNDO (Santo da Luz com os últimos)

Graças a tudo o que Scalabrini foi e fez durante sua vida, os migrantes, o povo devoto e seus missionários e missionarias sentiram, viram e encontraram nele um exemplo de vida e um modelo a seguir. A Igreja por sua vez escutando seus seguidores e vendo as devoções presentes nos cinco continentes aprovou sua caminhada e confirmou sua fé, para colocá-lo nos **altares do mundo**. Esta boa notícia foi recebida com muita alegria no dia 21 de maio e o Papa Francisco junto com os cardeais no dia 27 de agosto oficializou sua canonização para o dia 09 de outubro. A partir deste momento todos os cristãos, católicos e as pessoas de boa vontade no mundo inteiro podem invocá-lo por sua intercessão junto à Trindade Santa e pedir graças e bênçãos para suas necessidades humanas espirituais. Scalabrini se constitui nosso intercessor junto a Deus para que nossos pedidos sejam ouvidos e realizados em nossa vida. É modelo e caminho de santidade para a Igreja e o mundo.

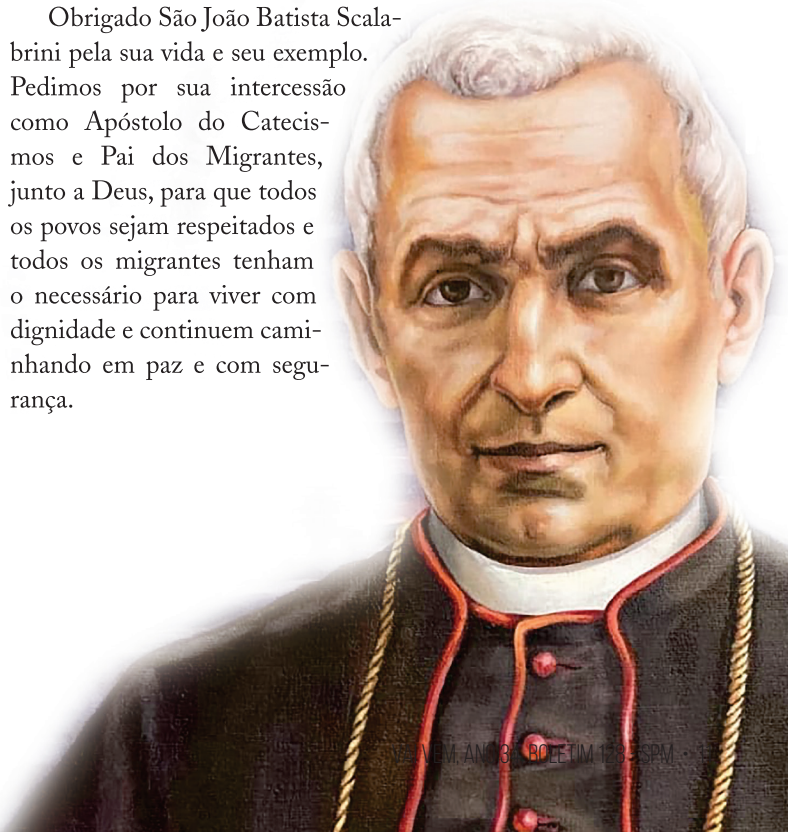
Ao mesmo tempo significa um maior compromisso de cada um de nós para sermos mais santos e santas seguindo seu exem-

plo de santidade como cidadãos, cristãos e profetas no mundo das migrações e na igreja. Creio que três palavras que iniciam com a mesma letra, podem definir este homem humano-divino: Foi um ser humano **CRIATIVO**, curioso e atento à realidade do seu tempo e por isso sempre tomou a iniciativa de ir ao encontro de todos e em todas as situações e circunstâncias da vida. Presença de **COMPAIXÃO** e de sensibilidade se emocionava diante das diferentes situações de dor das pessoas e no silêncio falava com Deus para pedir luzes e imediatamente dava respostas concretas. Alguém com inteligência única e uma **CABEÇA** brilhante, sempre muito crítico ao ler a realidade com os olhos e a luz da fé, os sinais dos tempos, denunciou as injustiças, propôs soluções reais, justas e possíveis, anunciou um futuro seguro e feliz se assim fosse feito conforme sua inspiração e orientação. Podemos afirmar que Scalabrini foi um homem de fé, de iniciativa, sensível, solidário e crítico guiado pela luz do Espírito de Deus ao projeto de Deus no contexto histórico de sua época.

O diálogo com todos, sempre foi o único caminho para construir a comunhão no mundo, por isso a **Igreja** o proclama santo, exemplo de fé, esperança e amor para o mundo, com o título de Apóstolo do Catecismo e Pai dos Migrantes. Scalabrini agora além de continuar sendo nosso Fundador, é Santo da Igreja e seu carisma é compromisso e responsabilidade de todos. Seu sonho de comprometer toda a Igreja na causa do migrante como o fez na proposta através do seu “Memorandum” ao Papa Pio X em 1905 se tornou realidade na Igreja.

O mundo mais do que nunca precisa de modelos. Agora é nossa vez e no seguimento a Scalabrini, devemos ser presença de luz, diálogo, justiça, igualdade, compaixão, fidelidade criativa, comunhão... para que juntos com os migrantes possamos conjugar no plural alguns verbos: prevenir, incidir, acolher, promover, proteger, integrar e celebrar. Certamente novas fronteiras serão abertas a partir da canonização de Scalabrini. Assim ele dizia: “Idem anjos de Deus como missionários, Apóstolos, Maestros, Médicos e Enfermeiros”. Sejam nós os continuadores (as) da mesma missão de Jesus, construindo o Reino de Deus e por causa de tudo isso Deus seja louvado.

Obrigado São João Batista Scalabrini pela sua vida e seu exemplo. Pedimos por sua intercessão como Apóstolo do Catecismo e Pai dos Migrantes, junto a Deus, para que todos os povos sejam respeitados e todos os migrantes tenham o necessário para viver com dignidade e continuem caminhando em paz e com segurança.



Oração a São João Batista Scalabrini

Oh, Bem-Aventurado João Batista Scalabrini,
com coração de Bispo e fervor de Apóstolo,
Tu te fizeste tudo para todos.
Escutaste o clamor dos migrantes,
falaste em seu nome, defendeste seus direitos.
A Eucaristia foi teu sustento,
a Cruz de Jesus teu refúgio,
Maria, Mãe da Igreja, teu conforto.
Por tua intercessão Deus,
que é Pai, Filho e Espírito Santo,
conceda paz a toda a humanidade,
proteja os que cruzam
mares e fronteiras apoiados na esperança,
abençoe a nós e nossos familiares
e conceda-nos a graça
que confiantes te pedimos. Amém



37ª SEMANA DO MIGRANTE

MIGRAÇÃO E SABERES

12 a 19 de junho de 2022

ESCUÇA COM SABEDORIA
E ENSINA COM A PRÁTICA

Artista: Sandra Saravá

BRASIL: MISEREOH adventiat PUENTES DE SOLIDARIDAD Radio CLAMOR

SUGESTÕES OU RECLAMAÇÕES PELO SITE OU E-MAIL: telecomuco@epmascional.org.br